

**REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INTERCULTURALIDADE EM
UM PLANEJAMENTO TEMÁTICO BASEADO EM TAREFAS
COMUNICATIVAS**

Denise Elaine Emidio

Instituto Federal de São Paulo

Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Mediante a nova perspectiva no ensino e aprendizagem de língua, ou seja, com os princípios da abordagem comunicativa. Não é possível mais ver a língua como algo não social, dessa forma não se pode ver língua e cultura como algo que devem ser ensinados separadamente. Pensado nas questões levantadas acima, propomo-nos a refletir sobre os aspectos interculturais que deverão estar presentes no momento da elaboração de tarefas comunicativas. Para este trabalho, propomos reflexões a cerca de um planejamento temático para alunos de cursos técnicos de eletrônica e informática de um Instituto Federal adotando-se como unidade temática “Invenções e Inventores”, tentando aproximar-se da realidade dos alunos que lidam com equipamentos, aparelhos, máquinas e ferramentas no curso. O intuito primeiro desse planejamento temático é que ao escolher as invenções e os inventores como tema para elaborar as tarefas comunicativas haja uma abrangência que possa abordar homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos inventores e suas invenções. Além disso, busca-se trabalhar com os alunos despertando-os e sensibilizando-os para questões interculturais. Dessa forma, também tentaremos eliminar a generalização quase sempre existente nos materiais didáticos que, muitas vezes, além de não serem comunicativos atribuem às invenções apenas inventores homens e brancos.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem; Reflexões; Materiais didáticos.

Abordagem comunicativa, interculturalidade e tarefas comunicativas

Com as perspectivas no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, defendidas pela Abordagem Comunicativa (ALMEIDA FILHO, 1993) a língua não deve mais ser tratada isoladamente. A língua precisa ser vista como algo social, que faz parte do indivíduo, dessa mesma forma a cultura deve ser considerada parte da língua. A cultura é um componente dessa língua e faz parte do sujeito que a fala.

Levando essas questões em consideração, um professor de língua inglesa que deseje seguir a abordagem comunicativa pode utilizar-se de tarefas comunicativas para programar um curso de inglês. Esse curso pode ter uma unidade temática que norteie essas tarefas. No curso proposto em questão, as tarefas comunicativas terão como tema “Inventores e Invenções”, considerando desde o planejamento do curso as questões da interculturalidade.

Pois, como acredita Almeida Filho (1993), quanto mais explícito forem os pressupostos de um planejamento maior possibilidade de avaliá-lo, refletir sobre ele e alterá-lo conforme a necessidade detectada. Assim, a questão da interculturalidade deve ser pensada e repensada no planejamento do curso.

Da mesma forma Sarmiento (2004, p.17) acredita “que incluir aspectos culturais nos planos de aula, preparando-os com antecedência, seja fundamental para garantir que os aspectos de sensibilização cultural terão lugar na sala de aula.”

Dessa forma, não se corre o risco de deixar um momento específico da aula para “falar de cultura”. O professor deve estar consciente que desde o planejamento de seu curso, de seu plano de ensino, da preparação de seu plano de aula e em nosso caso, da preparação das tarefas comunicativas o aspecto cultural deve estar presente. Para que possamos despertar essa “sensibilização cultural” nos alunos que Sarmiento aponta.

Hadley (1993 apud SARMENTO, 2004, p. 18) também sugere que “a integração entre língua e cultura deveria ser mais planejada. As aulas e atividades culturais deveriam ser planejadas cuidadosamente e inseridas nos planos de aula.”

Estamos lidando aqui com uma questão delicada, muitos professores de línguas nunca tiveram disciplinas que discutissem o ensino de línguas estrangeiras e a interculturalidade. Cabe, então, chamar a atenção para que haja a inclusão de disciplinas que promovam tais discussões nos cursos de licenciatura.

Vamos agora discutir um pouco a questão do conceito de língua e linguagem de muitos professores de inglês.

Linguagem: código linguístico ou fato social

Antes de pensarmos em ensinar língua estrangeira, especificamente, língua inglesa, temos que ter claro qual o conceito de linguagem que adotamos.

Muitos professores se dizem comunicativos, fazendo referência à abordagem comunicativa (ALMEIDA FILHO, 1993). No entanto, esses mesmos professores ainda veem a linguagem como código linguístico, como partes a serem aprendidas e no momento em que forem absorvidas pelo aprendiz, as partes se tornarão um todo.

A linguagem, vista dessa forma, portanto, estará dissociada de ações sociais e culturais. A língua não servirá para comunicar-se e não trará elementos sociais e culturais. As aulas baseadas nestas ideias serão centradas em tópicos gramaticais e a cultura será mais um tópico a ser trabalhado em sala de aula. Esses tópicos culturais poderão enfatizar os aspectos da cultura como curiosidades, por exemplo. Causando, muitas vezes, estranhamento, idolatria ou repulsa por parte dos alunos que são os outros.

Alguns autores apontam possibilidades de se trabalhar cultura em sala de aula de língua inglesa de forma contextualizada e não como um tópico da aula. Sarmiento (2004), por exemplo, cita que para se trabalhar cultura em sala de aula “várias técnicas deveriam ser usadas, como a leitura, a expressão e a compreensão oral e escrita”. Isso evitaria que o ensino da cultura fosse “limitado a palestras e ou experiências pessoais do professor”.

Almeida Filho (2002) também alerta para o fato de que a cultura precisa parar de ser uma “franja” na aula de língua estrangeira e precisa passar a ter o mesmo lugar da língua.

Dessa forma, ao ensinar uma língua estrangeira é preciso considerar a linguagem como um fato social. Linguagem, sociedade e cultura estão interligados. Não há um momento para se aprender língua, outro momento para se aprender cultura. A língua está carregada de cultura. Os falantes possuem cultura.

Essa ideia de interligação é defendido por Sarmiento (2004, p.5) ao afirmar que “as noções de uso da linguagem, comunicação e prática social não podem ser entendidos como fatores isolados.”

É de extrema importância ao propor um curso de inglês que conheçamos nosso alunado, para lidar com ele, com a sua realidade. Para isso, é preciso trazer para as aulas de língua inglesa assuntos que despertem a curiosidade deles, que façam parte de sua realidade e que façam com que eles possam contribuir e participar. Essas atitudes do professor proporciona a oportunidade do aprendiz reconhecer-se como parte do processo de ensino e aprendizagem e como cidadão do mundo.

Nós, professores e educadores, precisamos ter consciência e sensibilização para reconhecer a influência que exercemos em nossos alunos e o quanto podemos permitir que eles sejam seres pensantes e ativos em sala de aula. Não queremos aqui excluir as influências que eles recebem antes da escola, pois como Sarmiento (2004) destaca, a família tem um papel de influência fundamental durante a infância, mas à medida que a criança vai crescendo e amadurecendo a escola também começa a exercer essa influência. A autora coloca essas considerações abaixo:

Em todas as culturas, a família tem um papel de influência social fundamental durante a infância. À medida que a criança cresce, outros fatores começam a influenciar socialmente, tais como o relacionamento com amigos, a escola, os meios de comunicação. (SARMENTO, 2004, p.6)

Levando em consideração as palavras de Sarmiento, o professor de língua inglesa também exerce influência no aprendiz. E é pensando dessa maneira que as aulas de língua inglesa baseadas em tarefas comunicativas devem ser trabalhadas.

Paiva (2009) alerta para o fato que precisa haver uma sensibilização de todos os indivíduos envolvidos na interação, pois dessa maneira eles poderão agir tentando compreender e respeitar uns aos outros, “construindo novos significados e redescobrimo suas próprias identidades” (op.cit, p.47).

Concordamos veemente como Ianuskiewtz (2012, p.117) ao dizer que quando ensinamos “uma nova língua, também contribuimos para a formação de indivíduos que se veem como cidadãos do mundo, trabalhamos com noções de quem somos e com questionamentos sobre a relação dessa nova língua com nossas identidades individuais e coletivas.”

Vamos agora conhecer os nossos aprendizes e tentar identificar as suas necessidades.

O contexto em questão

Considerando que as tarefas comunicativas elaboradas serão trabalhadas com alunos de cursos Técnicos de Informática e Eletrônica. Alunos esses provindos de diferentes situações sociais, mas na sua maioria, alunos provindos de escola pública, de classe média baixa e que, no ano de ingresso, alguns, participaram do sistema de cotas das instituições federais. É preciso considerar essa realidade na hora de elaborar as tarefas comunicativas. Estamos lidando com muitos alunos pobres e negros, alunos que precisam sentir-se inseridos neste sistema educacional que sempre os colocou-se a revelia.

Tentando sanar esse problema e abarcar umas das características do Ensino Comunicativo de línguas que prevê que o ensino deve fazer sentido para os alunos, que deve ser significativo, relevante e de alguma forma atender às suas necessidades, pensou-se no tema “Inventores e Invenções” como unidade temática das tarefas.

Primeiramente, cabe esclarecer o porque da escolha de tal assunto. Quando nos deparamos com as atividades de diversos livros didáticos que abordam o assunto “invenções” e ou “inventores”, observamos que muitas destas propostas não são comunicativas. O foco principal destas “unidades” é lidar com o ponto gramatical “passive voice”. O assunto aparece como pretexto para se ensinar um ponto gramatical.

Num segundo olhar observamos que as invenções são quase sempre as mesmas, as mais “impactantes” para a sociedade e que se destacaram e por isso se tornaram muito famosas.

Cabe aqui uma reflexão, qual o motivo desta fama, como é feita esta escolha, será que não há envolvimento de grandes companhias, da mídia para que elas se tornem conhecidas e dessa forma estejam também nos livros didáticos.

Por que não há invenções e inventores que contribuíram muito para a nossa sociedade, invenções extremamente importantes que sem elas outras poderiam não ter

sido criadas, inventores que não se destacaram de forma alguma, talvez pela sua situação social, pela sua raça, pelo seu sexo. Como podemos trabalhar com língua e renegar essas considerações.

É preciso deixar de lado as generalizações feitas pelos livros didáticos de inventores homens e brancos. Passando a mensagem que apenas eles foram capazes de inventar, apenas eles tiveram boas ideias e eram inteligentes para essas realizações. Será que não está na hora que tentar fazer com que nossos alunos negros, pobres, mulheres sintam-se capazes de produzir algo também.

Precisamos refletir sobre as observações que Erickson (1997 apud SARMENTO, 2004, p.6) faz ao dizer que existe uma cultura invisível que “é aquela aprendida e ensinada inconscientemente.” Uma cultura que ensina que você não é capaz, você não consegue, você é negro, é pobre, é mulher. Por isso é muito difícil conseguir sucesso.

É necessário agir diferente, esses alunos estão inseridos em um Instituto Federal de Tecnologia, onde se ensina a trabalhar, a criar, a montar, a inventar. Existem alunos que participam de Programas de Iniciação Científica, que fazem pesquisa, que lidam com máquinas, equipamentos, ferramentas. Existem as feiras, os congressos, os eventos onde eles podem mostrar o que estudaram, o que criaram, o que montaram.

Como podemos fazer com que se sintam parte desse mundo globalizado, desse mundo tecnológico. É essencial buscar na história personalidades que possam servir de exemplos e modelos para esses alunos. Personalidades reais, verdadeiras, que talvez tenham passado por dificuldades e preconceitos como eles passam ou já passaram. Exclusões devido à sua raça, à sua classe social, ao seu sexo.

Como defende Barbosa (2009), quando o professor de língua se dispõe a trazer para a sala de aula as diferenças e as diversidades culturais existentes, ou seja, se propõem a trabalhar com a abordagem intercultural, o professor deixa de ser o “empresário” de um determinado desempenho linguístico, para tornar-se o catalisador de uma competência crítica e cultural em expansão contínua.

É importante fazermos com que esses alunos se sintam parte dessa história de agora, deste momento. A língua inglesa pode ter esse papel fundamental de conscientização e motivação para esses alunos. Desperta no aluno a conscientização

para ver-se como cidadão na sociedade e que como outros também podem presenciar as mesmas situações.

O ensino de língua inglesa levando em consideração a perspectiva intercultural pode promover uma reestruturação da própria identidade do aprendiz. Já que como defende Silva (2011), a capacidade de falar uma língua estrangeira deve ser também uma forma de fortalecimento das raízes culturais e identitárias do aprendiz.

Na sala de aula trabalhando com as tarefas comunicativas, comunicando-se, os alunos estarão trocando cultura, conhecendo cultura, lidando com cultura. Pois como Hall (1993 apud, SARMENTO, 2004,p.3) define, essas práticas orais são como “momentos face a face, mediadas pela cultura, onde um grupo de pessoas une-se para criar e recriar suas vidas sociais diárias.”

Afinal de contas, aprender uma língua é muito mais que aprender palavras e frases, é aprender a língua em contexto para situações reais de uso.

Conhecendo a realidade do outro, toma-se consciência da sua própria realidade. Ao trabalharmos com a interculturalidade em sala de aula não podemos apenas esperar que nosso aluno interprete e desvende as informações culturais que estão inseridas na atividade proposta, precisamos ir além, é preciso desenvolver no aluno um conjunto de habilidades que permitam a ele avaliar aquilo que vê e lê de forma crítica e reflexiva.

As tarefas comunicativas devem explorar estas características interculturais para que não fiquemos apenas na superficialidade do “assunto” cultural abordado. Devemos provocar os alunos a serem pensantes, críticos e reflexivos, dessa forma, pensando sobre o outro, possam pensar e reconhecer-se como cidadão do mundo em que vivem.

Walesko (2006, p.35) apoiada nas palavras de Fontes (2002) defende que “um ensino intercultural deve despertar a curiosidade dos alunos a respeito de outras culturas, auxiliá-los a reconhecer que as variáveis socioculturais afetam o estilo de vida das pessoas e que a comunicação eficiente depende da maneira como, culturalmente condicionadas, as pessoas pensam e agem”. Segundo a autora esse ensino intercultural deve “levar o aluno a avaliar as generalizações que faz sobre as diferentes culturas a partir das evidências de que dispõe.”

Encontramos nas palavras de Walesko (2006, p.36) o quão significativas são as nossas tarefas comunicativas para tentar desenvolver esse ensino cultural já que a autora afirma que “a maior parte dos materiais disponíveis não dão conta da diversidade exigida para um ensino/aprendizagem de LE que incentive relações interculturais e tenha base comunicativa.”

Para complementar essa nossa defesa, trazemos Santos (2004), que aponta a importância da produção de um material didático que leve em consideração as necessidades dos aprendizes e, além disso, possa ser ajustado conforme o avanço ou as dificuldades detectadas pelos aprendizes e pelo professor no processo de ensino e aprendizagem.

Vamos agora explicitar o que são tarefas comunicativas.

Tarefas comunicativas

Primeiramente é importante esclarecer que tarefas não são atividades e nem exercícios. Pois tanto as atividades como as tarefas enfatizam o trabalho com a forma, com pontos gramaticais e não focam a comunicação.

Dessa forma, Almeida Filho e Barbirato (2001) esclarecem que a tarefa é uma atividade, mas nem toda atividade é uma tarefa.

Ellis (2003) também explicita que as tarefas são atividades que focalizam o significado e o uso da língua-alvo e os exercícios são atividades que focalizam a forma.

Assim, segundo Barbirato (2005) as “tarefas são atividades que geram ambientes para viver comunicação.”

Portanto, O intuito principal de se utilizar tarefas em uma aula comunicativa é proporcionar a comunicação, que os aprendizes se engajem em um processo de comunicação, que negociem significados.

Para Ellis (2003), “a tarefa é uma ferramenta para engajar os alunos na construção do significado criando assim as condições necessárias para a aquisição de LE.”

As tarefas têm que ser utilizadas pelo aprendiz para comunicar-se e dessa forma alcançar um resultado (BARBIRATO, 2000/2001).

Segundo Xavier (2011) o professor ao trabalhar com tarefas comunicativas devem sempre analisar as necessidades dos alunos antes de preparar as suas tarefas. Como diz Xavier (2011, p.147) “Ao professor, cabe organizar as tarefas com base em uma análise das necessidades dos alunos.”

Quando há a utilização de tarefas comunicativas na aula de língua inglesa, os alunos são os participantes ativos do processo de ensino e aprendizagem. O professor passa a ser apenas um mediador um orientador. Segundo Barbirato (2005), o professor atua como gerenciador do desenvolvimento das tarefas e é responsável por avaliar e orientar o desenvolvimento dos alunos. O processo é centrado no aluno e não no professor, como nas abordagens anteriores ao comunicativismo.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P; BARBIRATO, R. C. Ambientes Comunicativos para Aprender Língua Estrangeira. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas: Editora da Unicamp, v. 36, p.23-42, jul./dez. 2000. Disponível em <http://www.let.unb.br/jcpaes/index.php/publicacoes/58-artigos-e-capitulos-publicados>. Acesso em: 05 nov. 2012.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 1ª. ed. Campinas: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. O Planejamento de um curso de línguas: a harmonia do material-insuno com os processos de aprender, ensinar e refletir sobre a ação. (mimeo) Disponível em <http://www.let.unb.br/jcpaes/index.php/publicacoes/58-artigos-e-capitulos-publicados>: Acesso em nov. 2012.

BARBIRATO, R. C. O Uso de Atividades Comunicativas na aula de LE: alguns resultados. **Contexturas**, Volume 5, 2000/2001, p.27 a 44.

BARBIRATO, R. C. Tarefas geradoras de insuno e qualidade interativa na construção do processo de aprender LE em contexto inicial adverso. 2005. Tese (Doutorado) – IEL UNICAMP, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000363447>>. Acesso em: 05 set. 2012.

BARBOSA, L. M. A. O Componente Cultural na Linguística Aplicada. São José do Rio Preto: APLIESP, 2009, p.115- 134.

ELLIS, R. **Task-Based Language Learning and Teaching**. Oxford University Press. Oxford. 2003.

FONTES, S.M. Um lugar para a cultura. In: CUNHA, M. S.; SANTOS, P. (Orgs.) **Tópicos em Português língua estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

IANUSKIEWITZ, A. D. Aspectos (inter)culturais no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. **Revista Iluminart**, Ano IV, nº8, Nov. 2012.

PAIVA, V. L. M. O. Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua In: CORTINA, A.; NASSER, S.M.G.C. **Sujeito e Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SANTOS, E. M. Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. Campinas: 2004. Tese. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SARMENTO, . Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**. V. 2, n. 2, março de 2004. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SILVA, V. E. S.. Futuro professor não nativo de língua inglesa e a proficiência linguística: Que relação é essa? 2011. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011

WALESKO, A.M.H. A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira: um estudo em sala de aula com leitura em inglês. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2006.

XAVIER, R. P. O que os professores de línguas estrangeiras necessitam saber sobre o ensino baseado em tarefas? **Revista Novos Olhares**. Vol. 1, 2011, p.147-171.

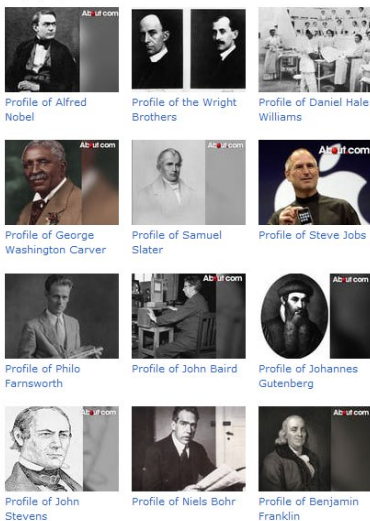
Anexos

“Os Inventores e as Invenções”: uma proposta de tarefa comunicativa para despertar a sensibilização intercultural

Coming Closer

Look at the pictures below:

Who are these people?



Fonte: <http://video.about.com/inventors/>

Circle the possible answers

journalists

physicians

doctors

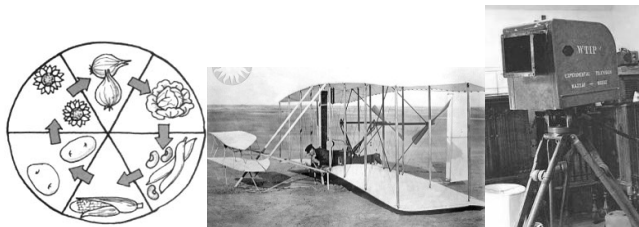
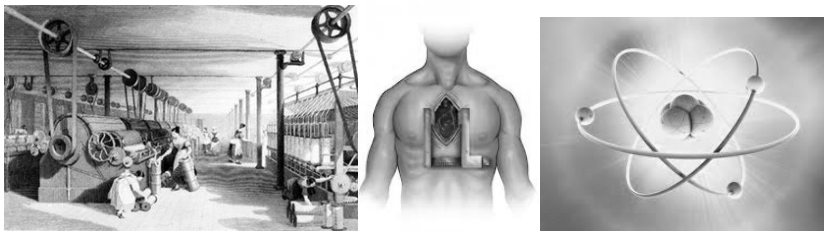
scientists

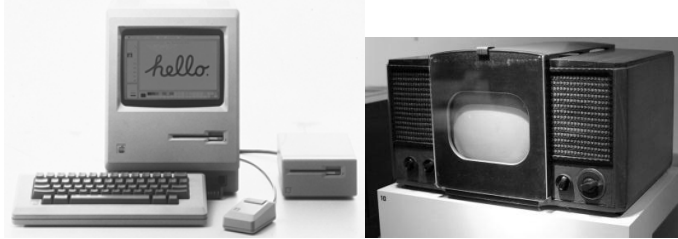
inventors

chemists pilots designers policemen pharmacists

Associate the words below with the pictures below:

*all-electronic video camera tube carding, drawing and roving machines
computers crop rotation method dynamite iron furnace stove
television printing press open-heart surgery
operable motorized airplane quantum mechanics screw propeller*





Now associate the words in the exercise before with the people below:

ALFRED NOBEL -

WRIGHT BROTHERS -

DANIEL HALE WILLIAMS -

GEORGE WASHINGTON CARVER -

SAMUEL SLATER -

STEVE JOBS -

PHILO FARNSWORTH -

JOHN BAIRD -

JOHANNES GUTENBERG -

JOHN STEVENS -

NIELS BOHR -

BENJAMIN FRANKLIN -

Answer the questions below completing the sentences.

How would you describe an inventor?

An inventor is a person who _____

How would you describe an invention?

An invention is a thing that _____

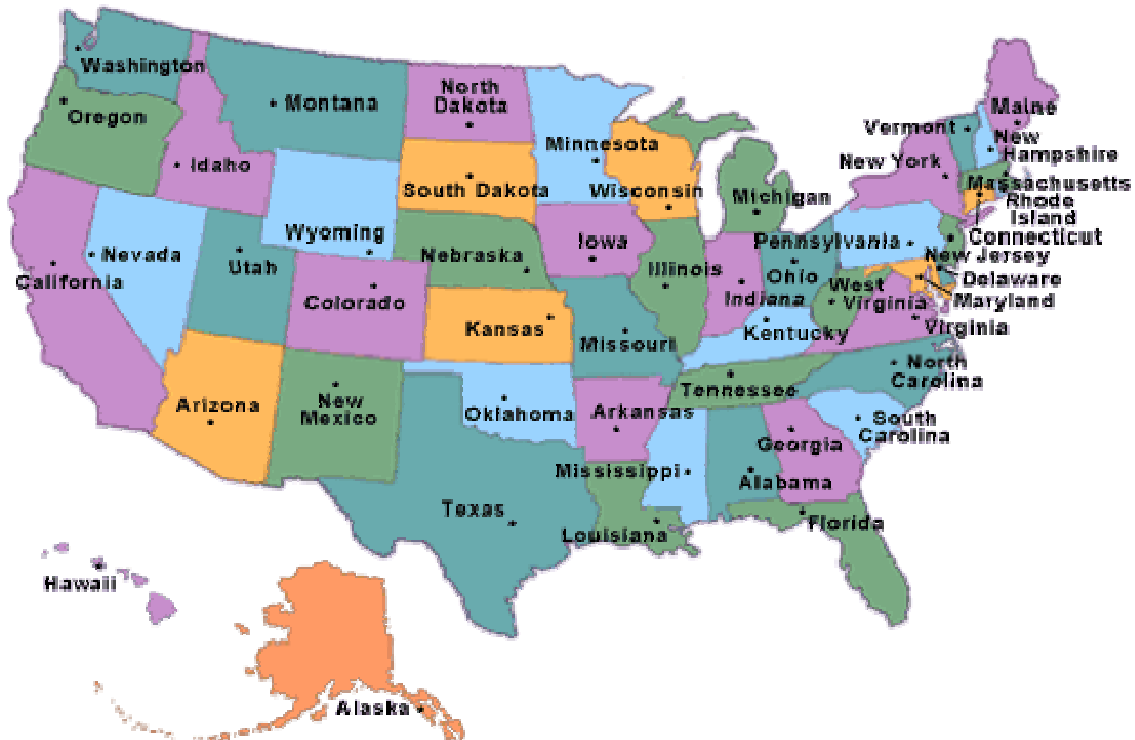
Read the first part of Daniel Hale Williams' biography:

Early Life

Daniel Hale Williams was born on January 18th, 1856, in Hollidaysburg, Pennsylvania. When he was just 10, his father passed away and Williams was then sent to live with some family friends in Baltimore, Maryland. He became a shoemaker's apprentice but decided he didn't enjoy the work and he needed to return to his family, who were in Illinois at the time. Williams took up barbering for a little bit before deciding to pursue an education. After working as an apprentice to a highly accomplished surgeon, Dr. Henry Palmer, Williams completed more training at Chicago Medical College



Look at the map of the United States and draw a line from where he was born to where he went to.



Read the second part of his biography.

Williams: First Interracial Hospital

When Williams graduated from Chicago Medical College, black doctors were*n't* allowed to work in hospitals in Chicago. So Williams decided he would start his own. In 1891, Williams started the Provident Hospital in Chicago, Illinois where African-Americans could work and Provident was also used as a training school for nurses.



Answer the questions.

Why do you think he took this decision?

Would you do the same?

Read about the Provident Hospital

Provident Hospital, the first Black-owned and operated hospital in America, was established in Chicago in 1891 by Dr. Daniel Hale Williams an African American surgeon during the time in American history where few public or private medical facilities were open to Black citizens.

From Wikipedia



Following extensive funding, Provident moved to its new 36th Street location in 1898.



Provident moved to its 426 East 51st Street location in May, 1933.

Answer the question.

What do you think the United States couldn't go to everywhere in the cities?

know about the History of Black Citizens Why

Read about the History of Provident Hospital

History: Provident Hospital

Emma Reynold, in 1889, a young woman who aspired to be a nurse, was denied admission by each of Chicago's nursing schools on the grounds that she was black. Her brother, the Reverend Louis Reynolds, pastor of St. Stephen's African Methodist Episcopal Church, approached the respected black surgeon, Dr. Daniel Hale Williams for help. Unable to influence the existing schools, they decided to launch a new nursing school for black women. In 1890, Dr. Williams consulted with a group of black ministers, physicians and businessmen to explore establishing a nurse-training facility and hospital. There were only a few black physicians in Chicago at this time, and all had limited or no hospital privileges. The community leaders assured him of their support and energetic fund-raising began.

Answer the questions.

Why couldn't Emma Reynolds work in hospitals in Chicago?

Why in the USA were there racial segregation?

Which states in the USA had a lot of fights between black and white people?

Are there racial segregation here in Brazil?

Are there hospitals where black people can't work?

Are there places like Provident Hospital in your city which help black people or poor people?

Why black inventors are not so famous as white inventors?

Can you tell me a woman inventor?

Can you name a black woman inventor?

Read about the achievements of Daniel Hale Williams

Daniel Hale Williams' First Open Heart Surgery

In 1893, he continued making history when he successfully completed the first open-heart surgery. James Cornish had a severe stab wound to his chest and was brought to Provident. Despite lacking modern surgical procedures and technology, Williams was able to complete the open-heart surgery. The following year, Williams moved to Washington D.C and was appointed the chief surgeon of Freedmen's Hospital, which had a high mortality rate where he helped improve the quality of the hospital greatly.